

Habitou até a chegada do conde da Cunha a Casa dos Governalores (hoje Repartição dos Telegraphos).

Tomou essa resolução, dizia elle em charta, porque muito adoentado era-lhe impossivel estar todos os dias a subir e descer a ladeira da Conceição. Demais, accrescentava, tinha mais possibilidade de attender ás partes e melhor servir a causa pública conferenciando quotidianamente com seus collegas de govêrno.

Seria enfadonho nestes simples aponctamentos citar todas as modificações por que tem passado o palacio, hoje archiepiscopal.

Nelle têm residido nove bispos : d. frei Francisco de S. Jeronymo, d. frei Antonio de Guadalupe, d. frei João da Cruz, d. frei Antonio do Desterro, d. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, d. José Caetano da Silva Coutinho, d. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, d. Pedro Maria de Lacerda, d. José de Sousa Barros e dous arcebispos : d. João Esberard e o actual prelado o venerando sr. d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Em 1714 era o morro da Conceição considerado *arrabalde da cidade* pelo auctor do *Sanctuario Marianno*. Frei Agostinho não cessa de tecer elogios á posição da casa episcopal, á amenidade dos ares, á belleza do panorama que d'alli se gosava, e á grande chacara dos Capuchinhos francezes com cêrca feita toda de limoeiros.

Da longa estadia dêsses religiosos era conservada como lembrança, ainda ha annos, juncto a um poço, grossa pedra em plano inclinado. Era sôbre ella que os catechistas, expulsos pelo rei d. Pedro II, lavavam a propria roupa.

30 de Dezembro de 1902.

BARBONOS

Lograram, por quarenta annos, os Capuchos francezes o gôso de moradia certa.

Não assim os Capuchinhos italianos, Barbonos ou vulgarmente Barbadinhos, os quaes reputados pela Camara e povo, protegidos pelos governadores, não puderam conseguir durante muitos annos casa propria, de onde pudessem partir em cumprimento de sua ardua missão de catechistas.

Mal se comprehende hoje, como tão cioso de suas possessões de ultramar permitisse o Govêrno portuguez, sobretudo no Brasil,

o ingresso de religiosos estrangeiros. Cheios os nossos conventos de regulares e confiadas principalmente aos Jesuitas as missões dos selvicolas, entendeu a metropole entregar tambem essa difficil tarefa aos Capuchinhos francezes e italianos. Seria porque sanctos de casa não fazem milagres?

Que já em 1675 eram aproveitados os serviços do Barbonos no aldeamento dos indios dos campos dos Goitacás, vê-se pela leitura da importante monographia do dr. Augusto de Carvalho — *A Capitania de S. Thomé* — em a qual vêm detidamente narados os serviços dêsses missionarios, em beneficio dos Guarulhos.

Em 1681, e pelo alvará de 9 de Dezembro, obtinham os Barbonos a ordinaria de oitenta mil réis annuaes, pagos pela Fazenda Real, como remuneração do muito que iam praticando em favor da catechese.

Parecerá, á primeira vista, de mão gôsto entreter a attenção dos leitores com a noticia das mudanças dos frades Barbadinhos; mas dessa censura nos defenderemos allegando: ficará *in albis* quem ler a obra de Balthasar Lisboa, que fez verdadeiro *embroglio*, seguido por todos quantos o imitaram, por não se quererem dar ao trabalho de manusear documentos ineditos, que não só lançam luz sôbre o assumpto, mas fornecem dados seguros sôbre a topologia desta nossa cidade.

Na lista dos bons governadores do Rio de Janeiro se numera Aires de Saldanha de Albuquerque Coutinho Mattos Noronha, do qual não podemos dizer fôsse maior o nome que a pessoa. Entre os seus muitos serviços prestados, deu grande incremento aos encanamentos da Carioca, construindo o antigo chafariz, menor, mas muito mais elegante que o actual. Devoto de Nossa Senhora do Terço, de cuja irmandade, erecta na egreja de S. José, foi juiz, era pelo menos homem de probidade. No tempo de sua governação tomou por emprestimo grande quantia ao ricoço José de Sousa Barros. Fallecendo este e instituindo a Misericordia sua testamenteira e herdeira, Saldanha apresentou-se voluntariamente á Mesa da Irmandade, em 26 de Maio de 1725, declarando ir hypothecar seus bens para saldar o debito, do qual não havia documentos ou provas.

No tempo dêste governador chegaram ao Rio de Janeiro os Capuchinhos italianos frei Antonio de Perusia e frei Jeronymo de Monte Real, saídos de Italia com destino á missão de S. Thomé e que por força de tempestades aqui arribaram. *Negando-se-lhes agasalho no Convento de Sancto Antonio*, Saldanha, de acôrdo com o Cabido, os accommodou no Palacio Episcopal da Conceição, vago por morte do bispo d. frei Francisco de S. Jeronymo. Os frades, parece, gostaram do lugar, e o superior delles

representou ao rei que os Capuchinhos francezes tiveram alli um hospicio e igreja, os quaes, depois de sua partida, foram occupados pelo Bispo que se obrigava a agasalhar nelle os ditos Capuchinhos italianos todas as vezes que fôsse necessario. Requeria mais lhes concedesse, para permanencia nessa mesma terra, na mesma fórma que o possuiam os ditos Padres Francezes, para cujo effeito se lhes devia entregar a Igreja e Hospicio, que foi dos ditos Francezes, para que, com melhor commodo, pudessem usar de suas missões.

Em data de 12 de Julho de 1723 ordenou d. João V informasse a respeito o governador, ouvidos a Camara e Cabido, os quaes declararam não ser exacta a allegação, apesar de reconhecerem o procedimento exemplar e digno dos referidos religiosos.

Narrando o que já sabemos sôbre o palacio episcopal negaram, *in limine*, houvesse o bispo tomado tal compromisso, e que si os Barbadinhos tinham sido alli hospedados fôra por simples favor e por estar desoccupada a residencia diocesana, por fallecimento do Ordinario.

Chegando, em 1725, o novo bispo, d. frei Antonio de Guadalupe, foram os Capuchinhos despedidos da Conceição e, em falta de casa melhor, aboletaram-se nas dependencias de uma pequena ermida (hoje igreja da Conceição e Boa Morte), erguida por Francisco Seixas da Fonseca. É por esta razão que, ainda hoje, uma das nossas ruas conserva o nome de *Hospicio*.

Por antigas questões entre os religiosos de Sancto Antonio e a Ordem da Penitencia teve logar, em 1720, um verdadeiro schisma. Os terceiros do partido dos frades permaneceram na antiga séde, no morro; outros, porém, tendo á sua frente o ministro Francisco Seixas da Fonseca foram estabelecer-se em uma capella feita de pão a pique em terrenos comprados pela Ordem a João Machado Pereira por 3.000 cruzados em 6 de Dezembro de 1719. Não entraremos em minudencias sôbre essa divisão ou briga, na qual interveio até o Govêrno da metropole, censurando o governador Luiz Vahia Monteiro que, affecto ao partido dos ermãos do morro, chegára até a desterrar para Pernambuco o ministro Seixas da Fonseca. Este protestou e foi attendido, regressando ao Rio de Janeiro. Afinal serenaram os animos, houve a reconciliação e tudo voltou ao estado anterior.

Não tendo mais a Ordem da Penitencia necessidade da capella, vendeu-a por 3:160\$ á Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pardos, em Janeiro de 1729.

Em presença dos novos donos tiveram os Capuchinhos de abandonar o hospicio e buscar nova pousada. Lá se foram em

busca de umas velhas casinhas, emprestadas pelo bispo e situadas nas proximidades da antiga capella, fundada por Antonio Gomes do Desterro (hoje Convento de Sancta Tereza).

Foi nesse tempo que, tendo de assistir aos actos religiosos celebrados alli pelos Barbadinhos, e passando pelo caminho de Matacavallos, teve Jacintha de S. José a idéa de comprar a chacara da *Bica* e nella levantar o Recolhimento do Menino Deus, origem do actual Convento dos Carmelitas.

Nas taes casinhas, porém, chovia como na rua, e os frades supplicaram de Gomes Freire o favor de construir morada conveniente, mesmo juncto á capella do Desterro.

O governador, que era o primeiro a fazer justiça ao zêlo desses missionarios e a aquilatar seus bons serviços, *conferenciou* com o Govêrno da metropole.

De Lisboa veio a ordem régia de 16 de Abril de 1738, declarando não ser possivel satisfazer ao pedido dos religiosos, porque o rei havia feito mercê da capella do Desterro e terras vizinhas ao bispo, para patrimonio de um seminario em via de construir-se. Que, entretanto, puzesse á disposição dos Capuchinhos o recolhimento então *deshabitado*, juncto á ermida da Ajuda; porém, fôsse isto feito, ouvidos os officiaes da Camara, Nobreza e Povo, e com a condição de não apresentarem elles *duvida attendivel*.

As pessoas consultadas responderam ser inconveniente a estadia dos Capuchinhos na Ajuda, cujo recolhimento era destinado a ser convento de freiras, como era desejo de todo o povo, e que passando os religiosos para tal logar *cessaria o fervor e o zelo de se continuarem as obras do projectado convento*, cuja licença era *anciosamente* esperada.

No meio de tantas delongas appareceu, enfim, a ordem régia de 23 de Outubro de 1739, ordenando ao governador a compra de um terreno para construcção do Hospicio dos Barbonos: «desde o quintal do capitão João Antunes até a ultima columna de pedra, que está no caminho, que vai para o Desterro, faças tomar, por avaliação, tres casas terreas que occupam um pedaço de morro baldio, e neste sitio mandareis edificar para os dictos padres Barbadinhos um *pequeno e humilde hospicio* com sua *capellinha*, mas sem fórma de convento, que *na pobreza da fabrica*, corresponda á humildade e pobreza com que tanto edificaram os dictos padres».

Concluidas as obras em 1742, o provedor da Fazenda Real, Francisco Cordovil de Siqueira e Mello, deu posse aos frades, achando-se presente o governador Gomes Freire de Andrade e muitas pessoas gradas, como hoje se diria.

Desde então a actual rua Evaristo da Veiga, antigamente Caminho dos Arcos da Carioca, foi conhecida *pela rua dos BARBONOS*.

Quanto aos terrenos supra mencionados refere o dr. Mello Moraes pae, o seguinte: «Contou-me o conselheiro Antonio de Meneses Vasconcellos de Drummond, que sendo seu avô senhor e possuidor da maior parte dos terrenos da rua dos Barbonos, que se tomaram para se erigir o hospicio desses frades, e não se achando bem com o governador, este lhe offereceu pelos dictos terrenos uma quantia insignificante. Não se podendo resistir á ordem régia, cedeu de seu direito e propoz á Fazenda Real uma acção de lesão enorme; mas, fallecendo antes de concluida a demanda, o filho não continuou; depois que a Côrte portugueza se transferiu para o Rio de Janeiro, seu pae, entendendo não haver prescripção de direito, reviveu a questão e teve sentença contra, dada pelo juiz da Corôa Amorim, fundando-a em se achar prescripta a acção. O chanceller Thomaz Antonio, vendo os autos em particular, achou haver razão no pleito por parte de Drummond, porém disse que elle perdera o direito; e que, pelo prejuizo soffrido, pedisse ao principe regente uma indemnização honorifica, ao que não annuiu Drummond, por entender que nem prescreve e nem perde o direito aquelle que tem a sua acção intentada com citação, e, julgando que não devia fazer mais questão por semelhante objecto, ficou tudo nisso».

Até nisso foram caiporas os Barbadinhos; annos depois a fatalidade desencadeou-se sôbre elles, privando-os do eremiterio de que eram senhores e possuidores.

Com a chegada da Familia Real, em 1808, tiveram de abandonar o hospicio para cedê-lo aos Carmelitas, cujo convento devia ser aproveitado para accomodar a comitiva régia. Foram os Barbonos aboletados nas casas dos romeiros pertencentes á Irmandade da Gloria do Outeiro. Dous annos occuparam os Carmelitas o Hospicio dos Barbonos, sendo transferidos para o extincto Seminario da Lapa. Mas nem por isso voltaram os Capuchinhos italianos á sua antiga residencia. Esta foi dada aos frades de Jesus da Terceira Ordem da Penitencia, que deram ao hospicio o titulo de Convento de Nossa Senhora do Patrocinio, convertido mais tarde em quartel de granadeiros, dos permanentes, e hoje da Brigada Policial.

«No Hospicio dos Barbonos, refere o dr. Moreira de Azevedo, existiu um pardo muito religioso, conhecido pelo nome de ermão Manuel. Era donato, cosia batinas e pedia esmolos para os sanctos. Gosava de tão boa fama que, quando falleceu, mui-

tos individuos foram ao hospicio pedir um pedacinho do habito, que envolvia o cadaver do ermão Manuel.»

Dizem que na chacara dos Barbonos foram plantados os dous primeiros pés de café, trazidos do Pará pelo desembargador João Alberto Castello Branco. Este assumpto está sendo objecto de aprofundadas averiguações, por parte do dr. Caldas Britto, que em breve trará a publico o resultado de seus estudos.

Mas acompanhemos ainda os Barbadinhos em suas peregrinações: por desavenças com a Irmandade da Gloria foram elles residir em um predio, juncto á igreja de Sancto Antonio dos Pobres, reconstruido á custa do Estado, por ordem do imperador d. Pedro I.

Alli permaneceram até 1831, segundo inferimos de um aviso firmado por Diogo Antonio Feijó, mandando entregar á Irmandade a capella de Sancto Antonio dos Pobres, que os frades Barbadinhos haviam deixado. D'ahi se retiraram para a Europa os Barbonos, *havendo-se* invectivado contra *elles*, diz Balthasar Lisboa, *de serem Jesuitas disfarçados!*

Convidados pelo Govêrno em 1840, entraram de novo no Rio de Janeiro os Capuchinhos italianos e occuparam, por escolha propria, a igreja da antiga Sé, no morro do Castello. Dêsses factos já nos occupámos em dias do anno passado.

Desde 1842 alli vivem contentes e socegados, tendo obtido, após tantas mudanças, o seu «*habitat*» *definitivo*.

Cercados do respeito e consideração de todos procuram manter os creditos de sua Ordem, a quem o Brasil tanto deveu nos tempos coloniaes. Seria longo enumerar os nomes dêsses sanctos missionarios, illustres por letras, trabalhos, sciencia e virtudes.

É de justiça lembrar: foi um Capuchinho italiano quem primeiro, nos sertões da Bahia, advogou a causa da emancipação dos escravos.

Como verdadeiro apostolo soffreu perseguições e destêrro.

Em 1794 — era muito cedo ainda para a definitiva victoria, felizmente ganha em 13 de Maio de 1888!

6 de Janeiro de 1903.